

Sumário

Apresentação	9
Agradecimentos.....	13
Introdução	15
1. Compreensão equivocada da grande história.....	25
2. O Novo Testamento ensina que a igreja é o novo Israel?...47	
3. Quem entendeu direito <i>Uma história do sionismo cristão a partir do segundo século</i>	61
4. Examinando mais de perto o Antigo Testamento <i>Salvação para o mundo por meio de Israel</i>	73
5. Examinando mais de perto o Novo Testamento <i>Um futuro para o povo e para a terra de Israel</i>	87
6. Objeções políticas <i>E o que dizer dos palestinos?</i>	117
7. Objeções teológicas <i>A primeira aliança se tornou obsoleta?</i>	135
8. Se tudo isso for verdade, o que fazer agora?	145
9. Seis propostas	165

Apêndice: Aliança e terra no Antigo Testamento.....	181
Índice de passagens bíblicas.....	183
Índice de fontes antigas	187
Índice remissivo.....	189

Apresentação

Não faz muito tempo, numa conversa com um judeu que conheci em Jerusalém, entrei em um diálogo sobre a relevância do Novo Testamento e de seu contexto judaico. A conversa estava boa e foi prosseguindo de modo promissor, até que, em determinado momento, ele me disse: “Como posso valorizar um livro que tem sido a principal base da perseguição contra o povo judeu na história?”. Para minha surpresa, ele começou a me mostrar algumas passagens do Novo Testamento muitas vezes associadas ao antissemitismo. Foi um momento de tensão e de receio.

De modo tranquilo e didático, comecei a mostrar ao meu novo amigo como os livros do Novo Testamento, elaborados em contexto judaico, traziam críticas ao povo judeu de maneira interna, dentro da própria comunidade. A crítica não era em nada diferente das repreensões dadas por profetas como Isaías e Jeremias. Essas críticas, originariamente destinadas aos líderes religiosos judeus, foram posteriormente lidas de modo equivocado no mundo greco-romano, que logo passou a diabolizar os judeus, dando lugar ao antissemitismo histórico do continente europeu. Foi impressionante a reação do meu amigo. Ele me olhou, atônito, e disse: “Isso muda tudo!”. Agora entendo perfeitamente. Nunca tinha ouvido uma explicação assim. Não faz sentido pensar em Jesus e seus discípulos como antissemitas.

É com muita alegria que recebemos a publicação de *A importância de Israel*, de Edições Vida Nova. É chegada a hora de

revisitar os textos bíblicos, particularmente o Novo Testamento, e de repensar a história do cristianismo, incluindo o ambiente protestante e evangélico, com respeito a Israel e ao povo judeu. Infelizmente, não há como esconder o fato de que milhares de judeus foram perseguidos e mortos em nome de Jesus, o judeu mais importante da história. Lamentavelmente.

A importância de Israel com certeza surpreenderá. O estilo do livro é convidativo, pois é uma espécie de testemunho pessoal. O renomado teólogo, estudioso e escritor Gerald R. McDermott, de tradição anglicana, conta detalhadamente como o estudo aprofundado das Escrituras e sua visita a Israel o ajudaram a realinhar sua posição teológica a respeito do povo judeu e da terra de Israel.

Não será difícil também perceber como o livro é cativante e inesperado. Ao contrário do que se poderia imaginar, a obra não foi escrita por um autor dispensacionalista, pré-milenarista e pré-tribulacionista. Geralmente, um autor evangélico pró-Israel é visto com certo preconceito, como um dispensacionalista literalista, de perfil simplista e pouco refinado. McDermott em nada se relaciona com essa tradição teológica. Muito pelo contrário, seu enfoque é bem próximo da tradição reformada.

A obra do renomado autor delineia uma trajetória de pesquisa bíblica, desconstruindo a ideia comum de que a igreja é o novo Israel, isto é, que os judeus perderam seu lugar para a igreja cristã e estão para sempre esquecidos por Deus. Segundo essa perspectiva, a igreja substitui Israel. O autor confronta esse substitucionismo, predominante na história da teologia cristã, e reforça a compreensão de que Deus ama Israel e o povo judeu, não havendo como negar que a relação dos judeus com a terra de Israel não é apenas bíblica, mas escatologicamente esperável. Deus não rejeitou seu povo (Rm 11.1,2). Além disso, com sensibilidade, McDermott aborda o moderno movimento sionista sem ignorar a delicada questão palestina.

É muito provável que a surpresa maior na leitura do livro se dê quando ele aborda o sionismo cristão. Além de tomar uma posição pró-Israel e de fundamentar suas conclusões, o autor revela muitos cristãos de renome da história que foram sionistas. Pouca gente imagina, por exemplo, que o suíço Karl Barth, o mais influente teólogo protestante do século 20, era um sionista convicto. Barth, um neo-ortodoxo reformado, sem nenhuma inclinação dispensacionalista, afirmou:

O estabelecimento do Estado de Israel em 1948 foi uma “parábola secular”, um símbolo da ressurreição e do reino de Deus. O retorno dos judeus em grande número para Israel no século passado foi um cumprimento das profecias bíblicas. Os profetas hebreus previram a história de Deus com os judeus que perdura até hoje.

Barth também entendia que “os ossos secos de Ezequiel 37 que voltam à vida é uma profecia da restauração do povo de Israel na terra”. Ele advertiu que qualquer nação que se voltasse contra Israel não haveria de prosperar em longo prazo.

Queremos aqui parabenizar Edições Vida Nova por essa publicação. Com certeza, *A importância de Israel* servirá de esclarecimento para muita gente que tem dificuldade de entender o caráter judaico das Escrituras e do próprio cristianismo primitivo. Nosso desejo é que essa obra ajude a confrontar o antisemitismo ainda presente nos dias de hoje e também ajude muitos judeus a entender que os verdadeiros cristãos são seus irmãos mais novos e amam Israel. Finalmente, nossa esperança é que a raiz da oliveira (Rm 11) seja visitada e conceda sua valiosa seiva, pois, afinal de contas, como disse Jesus: “a salvação vem dos judeus” (Jo 4.22).

LUIZ SAYÃO,
teólogo, hebraísta e linguista.
Outubro de 2018

Agradecimentos

Em todos os meus livros, minha esposa, Jean, é sempre minha fonte de inspiração. Em relação a este livro, porém, ela sugeriu uma abordagem mais ampla, o que o tornou mais eficaz. Acima de tudo, ela organizou minhas demais atividades de tal modo que eu ficasse livre para pensar e escrever.

O filósofo Eugene Korn me incentivou a escrever este livro e foi uma inspiração constante para isso. Sou profundamente grato a ele por seu encorajamento e amizade.

O importante apoio que recebi de Robert Nicholson e do seu Projeto Philos muito me incentivou, tanto no plano institucional quanto no pessoal.

Meu amigo Mark Graham, que também foi meu pastor, tem sido um interlocutor e um amigo crítico ao longo de todos esses anos em que passei repensando Israel. A importância dele no capítulo 8 fica evidente.

Lyle Dorsett e Timothy George, da Beeson Divinity School, apoiaram-me pessoal e institucionalmente enquanto escrevia este livro.

Bob Benne, Ken Mathews, Joanne Pierson e Allen Ross fizeram a leitura crítica dos capítulos e contribuíram com sugestões importantes.

Agradeço ao meu excelente aluno Yannick Christos-Wahab pela compilação do Índice de passagens bíblicas.

Por fim, sou profundamente grato ao meu editor, David Nelson, que sempre me acompanhou de maneira positiva e construtiva.

Tim West não apenas colheu a opinião de leitores externos, que fizeram ótimas sugestões, como demonstrou também paciência e perspicácia no momento em que, já adiantado o processo deste livro, fez mudanças significativas nele.

Introdução

Há alguns meses, uma jovem líder cristã me escreveu para falar sobre Israel. Trata-se de uma cristã comprometida, dotada de curiosidade intelectual e que estuda em uma universidade cristã de elite.

“Cresci numa igreja conservadora”, disse ela, “e apoiava ingenuamente tudo o que Israel fazia. Fomos ensinados a crer que Deus dera a terra de Israel a seu povo, os judeus, e que a luta por sua terra em 1948 fora um ato religioso empreendido por um povo religioso que buscava a Deus.

“Foi então que li na faculdade *The promise* [A promessa], de Chaim Potok. À medida que ia lendo o romance, tive a impressão de que Israel reivindicava a terra não como povo cheio de fé que ia ao encontro da herança que Deus legara a eles, mas como povo que, esmagado e desiludido pelo Holocausto, decidira que não podia e não esperaria mais por um messias. Sentiram que a terra tinha de ser tomada à força, e foi o que o povo fez, e com violência.

“Isso me levou a pensar se haviam agido corretamente. Os judeus deveriam ter esperado que o Messias os levasse de volta à sua terra? Será que, ao lutar por ela, deram as costas a Deus?”

Problemas com o sionismo cristão

Houve época em que eu me fazia as mesmas perguntas. Tinha sérias dúvidas em relação ao que era chamado sionismo cristão. O termo era usado para designar a crença segundo a qual o atual Estado de Israel fora profetizado pela Bíblia e teria um papel de

destaque a desempenhar nos acontecimentos do fim do mundo, que logo ocorreriam. Eu sabia que não se tratava do sionismo judeu, aquilo que alguns no Ocidente infelizmente associaram ao bombardeio do Hotel King David, em Jerusalém, em 1946. (Digo “infelizmente” porque tem havido sionistas judeus que há milhares de anos denunciam atos terroristas.) O sionismo cristão de que eu ouvira falar nos anos 1970 e 1980 inspirava-se num tipo de teologia dispensacionalista da qual eu não partilhava. Sabia que, em certo sentido, todas as teologias cristãs eram dispensacionalistas, à medida que acreditavam que Deus opera de forma distinta com seu povo nas diferentes eras ou dispensações. Havia, entretanto, um tipo de dispensacionalismo em particular segundo o qual Israel e as nações gentílicas trilhavam caminhos separados, e Deus lidava com cada um deles independentemente.

Eu não acreditava nisso. Na Bíblia, a história de Israel sempre cruzava com a do restante do mundo. E, na igreja primitiva, judeus e gentios normalmente adoravam juntos nas mesmas igrejas.

Havia outros motivos que me impediam de aceitar esse tipo de dispensacionalismo. Alguns de seus defensores pareciam pensar que o Estado de Israel estivesse acima de qualquer censura. Eu me questionava, por exemplo, se Israel não estaria violando a lei internacional ao ocupar indefinidamente a Cisjordânia.

Sabia que os palestinos também reivindicavam para si aquela terra. Muitos deles diziam que estavam sendo cruelmente oprimidos pelos ocupantes israelenses. Seria verdade? Se fosse, como poderia o moderno Estado de Israel ser uma coisa de Deus, um cumprimento de suas promessas?

O novo Israel

Outra razão pela qual eu não podia aceitar esse tipo de abordagem dispensacionalista em relação a Israel dizia respeito à confiança de alguns de seus adeptos de que sabiam tudo o que aconteceria

no fim dos tempos. Eu tinha conhecimento de outros tipos de dispensacionalismo que rejeitavam essas projeções. Contudo, esse tipo de dispensacionalismo mais popular propunha calendários elaborados e datas específicas que pareciam ser nada mais que mera especulação fantasiosa.

Eu estava convencido de que a igreja era o novo Israel. Em outras palavras, depois que Jesus morreu e ressuscitou, a aliança que Deus havia feito com Israel fora transferida para os que criam em Jesus. Os judeus em sua maioria, que haviam repellido a declaração de Jesus de que ele era o Messias, haviam deixado de ser a menina dos olhos de Deus. Aos olhos do Pai, eles não eram diferentes de outros povos que tinham ouvido o evangelho e o rejeitaram. O antigo Israel não era mais o verdadeiro Israel. A igreja dos crentes em Jesus Cristo se tornara o novo Israel.

Pelo menos era o que eu achava. Essa era a interpretação cristã que eu havia aprendido com teólogos reformados como João Calvino e que fora acatada por muitas igrejas cristãs — as igrejas históricas, tanto protestantes quanto católica e um número crescente de igrejas evangélicas.

Portanto, para mim era difícil acreditar que o Israel de hoje fosse um cumprimento da profecia bíblica. O fato de a maior parte dos judeus de Israel ser secular ou composta de judeus religiosos, mas não messiânicos, parecia inviabilizar qualquer ligação entre sua terra e as profecias bíblicas. Eu achava que isso poderia mudar se um dia a maior parte dos judeus de Israel viesse a aceitar Jesus. No entanto, o Israel de hoje não parecia ter nenhuma relação com a Bíblia.

Cristo não havia posto fim à distinção entre judeus e gregos?

Havia ainda outros motivos para eu não aceitar as alegações dos dispensacionalistas ou sionistas no tocante a Israel. A declaração

de Paulo em Gálatas 3.28 de que “não há judeu nem grego” muito me impressionava. Esse versículo parecia estar me dizendo que as distinções entre judeus e gentios, e até mesmo entre crentes judeus e crentes gentios em Jesus, não tinham mais importância. Em outras palavras, nada que fosse especificamente judeu, a menos que seu cumprimento se desse em Cristo, era relevante ou interessava aos cristãos.

E nisso se incluíam a terra e o povo de Israel de hoje. Sua importância me parecia ser meramente histórica. Sei que sua história podia nos ajudar a compreender o contexto em que Jesus vivera, há milhares de anos, mas não entendia qual a sua importância para os cristãos de hoje.

Descobertas surpreendentes

Foi então que fiz algumas descobertas surpreendentes. Uma das primeiras foi o fato de que o Novo Testamento jamais chamava a igreja de novo Israel. Isso me levou a imaginar que tipo de relação havia de fato entre o Israel do Antigo Testamento e a igreja.

Decidi analisar melhor Gálatas 3.28. Paulo diz realmente que em Cristo não há judeu nem grego, mas ele diz também que não há “homem nem mulher”, porque todos são “um em Cristo Jesus”. Percebi que ainda existem diferenças entre homem e mulher e que Paulo se referia a diferentes papéis para homens e mulheres no casamento.

O apóstolo disse que as mulheres deveriam se sujeitar aos maridos como a igreja se sujeita a Cristo. Ele disse também que o marido é o cabeça da mulher. Ele jamais ensinou que a mulher é o cabeça do marido. Sabia que os intérpretes debatiam o sentido dessas palavras — isto é, se o casamento deveria ser igualitário ou complementar. Não havia dúvida, porém, que, para Paulo, homem e mulher são um só em Cristo, embora, *ao mesmo tempo, continuem a ser distintos* e pareçam ter papéis diferentes.

Se a distinção entre homem e mulher persiste, o que dizer das diferenças entre judeus e gentios? Será que essa distinção também persiste na igreja, local em que todos são um em Cristo Jesus? E se a distinção entre judeus e gentios não foi extinta por sua unidade em Cristo, o que dizer da distinção de Israel em relação a outras nações?

Ainda amado por Deus

Jamais me esquecerei do dia em que deparei com a insistência de Paulo de que os judeus que rejeitaram Jesus ainda eram amados por Deus e que Deus mantinha sua aliança com eles como povo. Ele disse à igreja em Roma que “eles são inimigos do evangelho por causa de vós”, mas “são ainda amados por Deus por causa dos patriarcas” e “porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.28,29, TA).

Sempre achei que Paulo estivesse se referindo apenas aos judeus do passado, dos que viveram antes da vinda de Jesus. Contudo, numa análise mais detida, ficou claro para mim que Paulo estava falando dos judeus do seu tempo que haviam ouvido a pregação de Jesus e a tinham rejeitado.

Esses judeus que rejeitaram a Jesus são “amados” por Deus, disse ele. Não “*foram* amados”, mas “*são* amados”. O tempo não é passado, é presente. Embora tenham escolhido não acreditar no evangelho, eles ainda *são* amados por Deus. Deus ainda os ama. E não da forma que Deus ama a todas as pessoas, mas com um tipo especial de amor. Isso fica claro na longa abordagem de Paulo sobre os judeus, em Romanos 9—11.

Os “dons e o chamado de Deus” para eles continuavam em vigor. O “chamado” era a sua aliança, que passara a vigorar quando Deus chamou Abraão para uma relação especial com ele, de modo que Abraão e seus descendentes seriam o povo chamado por Deus.

Compreensão equivocada da grande história

A maior parte dos cristãos, durante boa parte da história cristã, equivocou-se em relação a Israel. Eles acreditaram naquilo que os estudiosos chamam “substitucionismo”.¹ Essa visão entende que a igreja substituiu Israel. De acordo com tal interpretação, depois que a maior parte dos judeus rejeitou a alegação de Jesus de que ele era o Messias, Deus revogou sua aliança com o Israel bíblico e a transferiu para aqueles que creram em Jesus. A igreja, portanto, tornou-se o novo Israel.

Conforme eu disse na introdução, parecia-me bastante lógico que a igreja fosse o novo Israel. Afinal de contas, depois de Israel ficar restrito aos judeus, Jesus abriu o reino ao mundo todo. Se Israel tinha alguma relação com o reino de Deus — como eu acreditava que tinha —, parecia plausível que Jesus estivesse simplesmente ampliando as fronteiras do reino. Ele agora era grande o bastante para abrigar o mundo todo.

Conheci então Baruch, um cristão que tinha morado em Israel durante muitos anos. Ele chamou minha atenção para o fato de que a intenção de Deus desde o início fora usar Israel

¹Também conhecido no Brasil por *supersessionismo* (decalque do inglês *supersessionism*, de *supersede*, “substituir”). (N. do E.)

para alcançar o mundo. Quando Deus se dirigiu pela primeira vez a Abraão, o pai de Israel, Deus disse: “por meio da tua descendência, *todas as nações da terra* serão abençoadas” (Gn 22.18, TA). Depois disso, ao longo de toda a história de Israel, segundo me disse Baruch, pessoas de fora de Israel se juntaram ao povo judeu. Rute foi um exemplo, entre muitos, dos que se uniram a Israel. “Contudo, mesmo com a entrada desses estrangeiros em Israel”, explicou Baruch, “Israel continuou a ser Israel — o povo judeu. Eles acolhiam os estrangeiros às vezes como judeus, outras vezes, não; Israel, porém, continuava a ser o povo judeu”.

Mas estou me adiantando. Vou primeiramente explicar um pouco mais a lógica do substitucionismo.

Substitucionismo ou teologia da substituição

De acordo com o substitucionismo, todas as promessas que Deus fez ao Israel do Antigo Testamento aplicam-se agora (desde a ressurreição de Jesus) à igreja cristã. As promessas dependiam da obediência à aliança. Os judeus da Bíblia violaram os termos dessa aliança — antes da vinda de Jesus, quando desobedeceram às leis divinas, e também depois de sua vinda, quando se recusaram a aceitá-lo como seu Messias. Contudo, como Jesus obedeceu a toda a lei de Deus, e todos os crentes que nele estão são unidos a ele, a obediência dele lhes é creditada. Portanto, em virtude da obediência de Jesus e pelos cristãos estarem unidos a ele, estes recebem as bênçãos da aliança. Eles são membros do novo Israel, que é o seu corpo, a igreja.

A isso se dá o nome também de “teologia da substituição”. A igreja substituiu Israel e se tornou a menina dos olhos de Deus. A aliança divina com o antigo Israel foi substituída pela nova aliança de Jesus, feita com todos os que nele creem. A igreja substituiu os judeus e se tornou herdeira de todas as promessas bíblicas que se aplicavam a Israel. Quando um cristão lê as profecias

do Antigo Testamento sobre a restauração do povo de Israel à sua terra, deve interpretá-las como uma referência à igreja cristã. Seu verdadeiro significado, de acordo com esse ponto de vista, é que a igreja herdará o mundo todo na era por vir. Serão abençoados todos os que estiverem na igreja, e não apenas os judeus. Entre os que creem em Jesus, não haverá mais distinção entre judeus e gentios, e não haverá terra de Israel separada do restante do mundo. Porque a igreja substituiu a etnia do povo de Israel. E essa pequena terra foi substituída pelo mundo todo. Os judeus não são mais o povo de Deus em nenhum sentido especial, e a terra de Israel é como a de qualquer outro país do mundo — como, por exemplo, Uganda ou Tailândia.

São essas as características do substitucionismo. Essa tem sido a crença da maior parte dos cristãos desde o século segundo d.C. Conforme veremos nos próximos capítulos e no restante deste livro, os cristãos das igrejas neotestamentárias tinham uma visão muito diferente durante o primeiro século. No entanto, depois de 135 d.C., quando os judeus se revoltaram pela segunda vez contra Roma e foram expulsos completamente de Jerusalém, as coisas mudaram. Como nunca antes na história do Império Romano, era perigoso ser judeu. Uma vez que, na opinião dos romanos, até essa época e por um bom motivo, os cristãos eram considerados judeus, muitos deles acreditaram que era hora de mudar essa imagem. Começaram a se dissociar dos judeus e a dissociar sua reputação de tudo o que era judeu.²

²Houve outros motivos para isso. Tanto os judeus não messiânicos quanto aqueles nas igrejas competiam por novos membros em seus respectivos grupos, e as igrejas se revoltavam com possíveis maldições dos judeus dirigidas contra os seguidores de Jesus. Os judeus não messiânicos se revoltavam porque os judeus seguidores de Jesus abandonaram a luta por Jerusalém em 68, quando estourou a primeira revolta, e fugiram para Pela (atual Jordânia), recusando-se a se identificar como judeus na segunda revolta, em 135. Depois de 135, houve menos contato entre as igrejas e as sinagogas e, portanto, menos oportunidade para os gentios nas igrejas identificarem as raízes judaicas de sua nova fé.